



A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA EM CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA

Marleno Chaves Menezes¹
Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo²

Categoria: Comunicação oral

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Práticas pedagógicas com alunos público-alvo da educação especial

“Interação verbal não diz respeito apenas à comunicação em voz alta, de pessoas face a face, mas a toda forma de comunicação verbal”.
(Bakhtin)

Esqueci a palavra que pretendia dizer e o meu pensamento, desencarnado, volta ao reino das sombras. (De um poema de Mandelsthan)

RESUMO

O presente tem a finalidade de apresentar um estudo sobre o universo que compõe os necessidades que existe e deve embasar os livros que são disponibilizados à leitura dos alunos deficientes. Essa investigação se justifica pela importância que o professor-mediador de língua materna, da educação básica, seja pública ou privada, desempenha no processo ensino-aprendizagem deficientes, no Brasil (dificuldades, incompreensões, estereótipos e desafios) e relacionar tais considerações a alguns personagens que fazem parte da Literatura Brasileira. Nesse contexto, procura-se

¹ Professor especialista Marleno Chaves Menezes, mestrando em Língua Portuguesa e Literatura na instituição Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes. E-mail: marlenomenezes@hotmail.com

² Professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, do Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação.

descortinar impressões, discursos dominantes e valores intrínsecos da sociedade, sobretudo, no século XIX. Para isso, faz-se uma analogia com algumas obras europeias que foram veiculadas antes da Primeira Guerra Mundial e o que foi mudando nos contextos subsequentes, quanto à maneira de se tratar os deficientes. O estudo baseia-se nos estudos de Dowker, Figueira, Dalcastagnè e Barros, quanto à parte específica; nas produções de Assis, Guimarães e Rosa, quanto às obras literárias utilizadas e, ainda, nos estudos de Heidegger, quanto ao poder da leitura. Esta empreitada se deu, primeiramente, pela curiosidade de ler as obras com um olhar específico quanto à forma que os deficientes são apresentados nas obras e, depois pela de milhares de brasileiros, sejam crianças, jovens e adultos.

Palavras-chave: Deficiência. Representação. Literatura.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade humana é condição primária aprender a conviver com diversos contextos culturais, respeitando-os e valorizando-os, uma vez que são indissociáveis dos seus respectivos sujeitos; em suma, é necessário saber conviver com o diferente, sobretudo, quando se trata de pessoas com alguma deficiência, seja: física, intelectual ou sensorial.

Nessa perspectiva, traz-se à tona uma temática bastante complexa e sugestiva, principalmente na sociedade contemporânea, que tem defendido o respeito incondicional e a tolerância para com o “diferente” ou incomum: a representação de personagens portadoras de deficiência em alguns clássicos da Literatura Brasileira no século XX, época em que houve uma substancial revalorização e renovação no mercado editorial no Brasil, enfatizando alguns trabalhos que foram considerados obras-primas e conquistaram espaço na Literatura Brasileira, desmistificando, assim, o caráter e o preconceito de uma literatura considerada inferior e ganhando o respeito e importância de uma literatura adulta. Como consequência disso, iniciou-se um processo de inserção, nas obras literárias, de personagens que, por muito tempo, passaram despercebidos e foram ignorados

pelo público leitor brasileiro, como se eles não existissem de fato. Entretanto, hoje, esta realidade mudou bastante, pois as deficiências e suas representações estão contempladas em um grupo significativo de personagens, haja vista os estudos e discussões que têm ganhado visibilidade no cenário educacional brasileiro. Como exemplo disso, tem-se o livro *“Bibliografia – O deficiente e as diferenças na leitura infantil e juvenil”*, da bibliotecária Cruz, após levantamento bibliográfico realizado no acervo da Biblioteca Infantil “Monteiro Lobato”, em São Paulo, onde estão catalogados 246 títulos. Nesse livro, especificamente, percebe-se a intenção da autora em contribuir com aqueles que pretendem discutir a realidade dos deficientes e buscar caminhos e ações sócioeducacionais que contemplem esses indivíduos e possam aproveitar o potencial que possuem. Segundo a autora:

[...] o objetivo desta biografia é oferecer a profissionais, pais, leitores em geral e profissionais diversos, uma relação de livros a mais diversificada possível, que lhes permita discutir, com crianças e jovens, a situação da pessoa deficiente em nossa sociedade (CRUZ, 1991, p. 11).

Em contrapartida, não há espaço para comodismo, pois ainda há muito a ser conquistado nessa empreitada, já que os portadores de deficiência física permanecem sendo retratados, em muitas obras, de maneira bastante preconceituosa e inferiorizada; aspecto que, infelizmente, revela uma sociedade que ainda acumula a desinformação e a intolerância para com estes seres, contribuindo e comprometendo, portanto, a essência e a existência de uma sociedade plural, onde as pessoas conseguem lidar com as diferenças e suas respectivas peculiaridades. Acrescenta-se, ainda, que a educação não deve, jamais, vincular apenas o conhecimento técnico, ou seja, a informação, pois é indispensável que se desenvolva aspectos que venham contribuir para a formação do cidadão, como se confirma em:

Penso que a educação que contempla somente as competências técnicas, que não esculpe a resiliência, o altruísmo, a generosidade, a capacidade de se colocar no lugar dos outros, de expor e não impor as ideias, e, em especial, de pensar como humanidade, não previne novos holocaustos, não viabiliza a espécie humana para seus futuros e cáusticos desafios, ainda que promova o PIB (produto interno bruto). Somos americanos, europeus, asiáticos, africanos, judeus, árabes, muçulmanos, cristãos, budistas,

ateus..., mas acima de tudo, constituímos uma única e grande família, a humanidade (CURY, 2012, p. 14).

2 Representações camufladas na Literatura Brasileira

A representação das deficiências física, intelectual e psicológica em obras de ficção, no século XIX, na Europa, já apresentava personagens que refletiam a visão preconceituosa da sociedade acerca das pessoas deficientes, uma vez que predominava a prática de caracterizar esses indivíduos como verdadeiros “vilões” ou seres dignos de piedade, ou seja, eram postos em dois extremos bastante perigosos, quanto à função que possam desempenhar na sociedade: o primeiro, um agente de crueldade em potencial e o segundo, um ser humano incapaz de lutar contra as dificuldades da vida, tornando-se, então, vítima das circunstâncias naturais das quais não se tem nenhum controle ou domínio. A partir do final do século XX e início do século XXI, sobretudo, nas obras publicadas antes da Primeira Guerra Mundial, os deficientes passaram a ser retratados sob uma visão bidimensional: ora apresentado como vilão ora representado como inválidos santos. Nesse prisma era comum se reportar aos indivíduos que tinham algum membro amputado como “aleijados”, como exemplo tem-se o personagem *Hugh Proctor*, da obra *The Crofton Boys* (1841), de Martineau, estudante de uma escola, na Inglaterra, que atendia alunos entre 8 e 13 anos, aproximadamente, que sofre um acidente e tem o pé esmagado. Outra concepção costumeira era condicionar a deficiência a uma espécie de deficiência no caráter da pessoa e, então, a cura dar-se-ia por meio de uma renúncia a própria vida, limitando-se à resignação e todo tipo de assédio moral, como ocorre na obra *The Secret Garden* (1911), de Burnett, em que o personagem *Colin* foi convencido pelos criados e por um médico de que para compensar a deficiência que apresentava de caráter, o destino punia-o com uma anomalia “ser corcunda” e este tinha que aceitar, caso fosse o desejo de obter a cura.

Nessa perspectiva, parece bastante válido relacionar o que acontece com o personagem Belchior, do romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (2004), que na condição de um escravo idoso e corcunda, é manipulado pelo comendador Leôncio a casar-se com a escrava Isaura, em uma artimanha que traria benefício ao próprio Leôncio. Desse modo, o barão do café da cidade de Campos dos Goitacazes (RJ) e senhor de escravos se libertaria das inquietações e desconfianças da esposa Malvina, que exigia que o marido libertasse Isaura e a mandasse embora, tamanho era o desrespeito que a esposa presenciava dentro da própria casa pelo esposo e, ao mesmo tempo, ele teria o caminho livre para continuar as investidas sobre Isaura, visto que Belchior, sendo escravo de Leôncio e, ainda, bastante velho, funcionaria apenas para legitimar aquela farsa, o matrimônio da escrava, mas que não representaria em momento algum qualquer obstáculo às investidas escusas daquele coronel à escrava, que morava na casa grande.

Era quanto bastava a Leôncio para associá-la ao plano de castigo e vingança, que projetava contra a desditosa escrava. [...] _ E o que pretendes fazer de Isaura? Perguntou Malvina. _ Dar-lhe um marido e carta de liberdade. _ E já achaste esse marido? _ Pois faltam maridos... para achá-lo não precisei sair de casa. _ Algum escravo, Leôncio?... Oh!... isso não (GUIMARÃES, 2004, p. 125).

_ Quem, Leôncio? _ Ora quem!... o Belchior. _ O Belchior...exclamou Malvina rindo-se muito. Estás caçoando; fala sério, quem é?... _ mas esperas acaso, que Isaura queira casar-se com aquele monstrengo? _ Se não quiser, pior para ela; não lhe dou a liberdade, e há de passar a vida enclausurada e em ferros. [...] _ Pois bem, Leôncio, mas eu entendo que Isaura mais facilmente se deixará queimar viva, do que casar-se com Belchior (GUIMARÃES, 2004, p. 126).

[...] _ Tenham-se debaixo do mais rigoroso cativo, ponham-me na roça de enxada na mão, descalça e vestida de algodão, castiguem-me, tratem-me enfim como a mais vil das escravas, mas por caridade poupem-me este ignominioso sacrifício! _ Belchior não é tão disforme quanto te parece; e demais o tempo e o costume te farão familiarizar com ele (GUIMARÃES, 2004, p. 130).

_ Belchior é um bom moço, inofensivo, pacífico e trabalhador. Creio que hás de dar-de otimamente com ele. Demais para obter a liberdade nenhum sacrifício é grande, não é assim Isaura? Neste momento vem entrando Belchior acompanhado por André. _ Eis-me aqui, senhora minha, (Malvina) _ diz ele, _ o que deseja deste seu menor criado? _ Dar-lhe os parabéns,

senhor Belchior, _ respondeu Malvina. _ Parabéns, mas eu não sei por quê!... _ Pois eu lhe digo; fique sabendo que Isaura vai ser livre, e ... adivinhe o resto. [...] _ Que me diz, patroa!... perdão, não posso acreditar. Vossemércê está zombando comigo. [...] Belchior levanta-se e corre a prostrar-se aos pés de Isaura. _ Oh! Princesa de meu coração! _ exclamou ele atracando-se às pernas da pobre escrava, que fraca como estava, quase foi à terra com a força daquela furiosa e entusiástica atracação. [...] _ Isaura!... não olhas para mim? Aqui tens a teus pés este teu menor cativo, Belchior!... olha para ele, para este teu adorador, que hoje é mais do que um príncipe..., dá cá essa mãozinha, deixa-me comê-la de beijos... (GUIMARÃES, 2004, p. 134).

É perceptível, nos fragmentos acima, o personagem Belchior sendo usado de forma inescrupulosa para satisfazer os desejos de Leôncio em um plano que diminui um ser humano a uma simples moeda de troca, sem ele mesmo saber. Em uma outra vertente, Belchior é posto na condição de um castigo maior do que os escravos recebiam nas senzalas, durante o século XIX, no Brasil, uma vez que a escrava Isaura implora a Leôncio que não a submeta àquele sacrifício, chegando a sentir repugnância por Belchior. Nesse contexto, vale destacar os estudos de Amaral, na década de 80, psicóloga social que retratou aspectos relacionados ao gênero, aos episódios étnico-raciais e culturais e expressa claramente que...

... a literatura está repleta de armadilhas traiçoeiras enredando o deficiente, o diferente, em malhas maniqueístas de bondade e maldade, virtude e pecado, santidade e malícia, feiúra e beleza... Ou o mutilado é bom, sábio, virtuoso, heroico – e como isso neutraliza-se, compensa-se, a deficiência; ou é cruel, malicioso, covarde, cruel, objeto – e com isso estigmatiza-se a diferença (AMARAL, 1992, p. 33).

Destarte, é inegável que uma sociedade é composta pelos mais diversificados seres humanos (seus defeitos e virtudes, habilidades e deficiências, valores e preconceitos), por isso é aceitável alguns personagens e seus respectivos perfis na ficção (poema, conto, romance, novela, teatro), no entanto há que ficar atento à forma como se vai encaminhar os enredos e, sobretudo, caracterizar esses personagens a fim de que não sirvam de pretexto para alimentar e consolidar visões estereotipadas dos indivíduos portadores de deficiências, uma vez que essa prática

pode criar um monopólio de visões a favor daqueles que proferem esse discurso e se aproveitam para se consolidarem ainda mais na sociedade em detrimento do silêncio, constrangimento e sofrimento de outros. Por isso cabe à literatura, como espaço representativo de uma sociedade, precaver-se para não perpetuar posturas preconceituosas e camuflar crueldades para com esses indivíduos que, na maioria das vezes, nem percebem que estão servindo a falsos e inescrupulosos discursos e ações. Para se evitar tais representações, segundo Dalcastagnè (2007, p. 18-31), é preciso que o autor adote alguns cuidados e critérios, como: incorporar as representações, reproduzindo-as de maneira acrítica, descrevê-las com o objetivo de evidenciar e construir seu respectivo caráter social e, por último, colocar essas representações diante dos nossos olhos para que possamos revelar nossas reações diante delas e como intervir na sociedade para que sejamos conscientes das consequências dos nossos atos, de recusa ou de adesão, contribuindo, portanto, para a desconstrução de um espaço de exclusão e livrando a literatura de reproduzir o discurso das classes dominantes.

Nessa perspectiva, acrescenta-se, ainda, que é necessário que o professor e, sobretudo os autores, sejam mais cuidadosos na elaboração de personagens que simbolizam os mais variados tipos de deficiência, seja na educação informal (conversas, comentários e opiniões), como também no âmbito da educação formal (leitura de uma obra, orientação socioeducativa, análise do texto aparente, pontuações sobre a intenção do discurso presente nas entrelinhas, para que o leitor-aluno possa conhecer, aceitar e melhorar o relacionamento com as pessoas deficientes. Vale enfatizar algumas orientações que vários autores recomendam quando existe a proposta de retratar personagens quanto à deficiência, de acordo com a pesquisadora Fagundes (1989): 1) as personagens devem provocar empatia e não piedade; 2) as personagens devem ser tratadas como seres potentes por si mesmas, e não dependente de forças sobrenaturais; 3) as personagens devem ser descritas de forma que suscite a admiração e aceitação, e não o ridículo; 4) devem

retratar os comportamentos com exatidão; 5) devem ser apresentados de forma realista; 6) devem enfatizar as semelhanças, e não as diferenças.

Outro clássico que apresenta uma personagem com deficiência física é Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, em que o narrador faz uma trajetória do protagonista Brás Cubas a partir do enterro, fazendo uma digressão para a idade infantil, adolescente, adulta e fechando o círculo com a morte e o enterro novamente. Tem-se, na narrativa, de forma bastante evidente, uma das mais significativas marcas “machadianas” – a ironia – que é posta sem nenhum melindre no comportamento de Brás Cubas, um jovem de família abastada, descumpridor da moral e bons costumes, desprovido de valores morais e escravo da vaidade. Então, em certo momento, ele percebe a beleza contida em Eugênia, filha de uma serviçal da família e começa uma atração, que teria vida curta.. Eugênia, prontamente aceita os galanteios de Brás Cubas, que fica deslumbrado com tanta beleza. Porém, algo que está oculto é descoberto por Brás e, imediatamente, desfaz o encanto e a beleza de Eugênia: Brás percebe que Eugênia é deficiente de uma perna, que é menor do que a outra. De alguma forma, tal deficiência nos remete, segundo Barros (2015), aos anos de 1970 e 1980, época que a sociedade brasileira lutava pela erradicação da poliomielite ou paralisia infantil, que constituía um problema de saúde pública. Nesse contexto, o caso da personagem Eugênia immortalizou um dos principais fragmentos da literatura nacional, como vemos nas seguintes passagens:

Mandei-me a todos os diabos; chamei-me desastrado, grosseirão. Com efeito, a simples possibilidade de ser coxa era bastante para lhe não perguntar nada. Então lembrou-me que da primeira vez que a vi - na véspera - a moça chegara-se lentamente à cadeira da mãe, e que naquele dia, já a achei à mesa de jantar. Talvez fosse para encobrir o defeito; mas por que razão o confessava agora? Olhei para ela e reparei que ia triste (ASSIS, 1994, p.44).

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita? (ASSIS, 1994, p. 45).

Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, e não atinava com a solução do enigma. O melhor que há, quando se não resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela fora; foi o que eu fiz; lancei mão de uma toalha e enxotei essa outra borboleta preta, que me adejava no cérebro. Fiquei aliviado e fui dormir. Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo (ASSIS, 1994, p. 45).

Amanheceu chovendo, transferi a descida; mas no outro dia, a manhã era límpida e azul, e apesar disso deixei-me ficar, não menos que no terceiro dia, e no quarto, até o fim da semana. Manhãs bonitas, frescas, convidativas; lá embaixo a família a chamar-me, e a noiva, e o parlamento, e eu sem acudir a coisa nenhuma, enlevado ao pé da minha Vênus Manca. Enlevado é uma maneira de realçar o estilo; não havia enlevo, mas gosto, uma certa satisfação física e moral. Queria-lhe, é verdade; ao pé dessa criatura tão singela, filha espúria e coxa, feita de amor e desprezo, ao pé dela sentia-me bem, e ela creio que ainda se sentia melhor, ao pé de mim (ASSIS, 1994, p. 45).

Os trechos acima, de certa forma, acabam justificando que literatura tem, ao longo do tempo, contribuído para a construção de concepções arraigadas em visões preconceituosas da sociedade. Machado de Assis, utilizando-se de toda incredulidade para com a espécie humana, corrobora o caráter discriminatória vivido pelos deficientes, quando o personagem Brás Cubas perde o encanto por Eugênia apenas pela deficiência. Isso mostra a arrogância e a insensibilidade humana para com as imperfeições da vida, mesmo aquelas sob as quais o homem é impotente. A vaidade e a presunção demonstradas pelo protagonista Brás Cubas nos leva a pensar que ele não possui nenhum aspecto negativo como pessoas, algo que não se sustenta, uma vez que ele tem bastantes atitudes que envergonham a espécie humana.

Outro episódio revelador de sofrimento dos deficientes no Brasil, encontra-se no reproduzido no conto *Campo Geral*, de Guimarães Rosa, que nos remete ao universo de um garoto (*Miguilim*) que sofre retaliações e, até, atitudes vingativas do próprio pai, por não perceber que o filho possui limitações visuais (miopia), e por isso, não consegue executar algumas atividades inerentes aos moradores do interior satisfatoriamente. *Miguilim* era o mais quieto, reflexivo e introspectivo dentre os irmãos, mas muitas vezes não era compreendido e tornava-se alvo de algumas

brincadeiras que, costumeiramente, inferiorizavam-no. Entretanto, era o filho que mais percebia o ambiente, o clima familiar e o comportamento das pessoas com quem convivia. Pela mãe, nutria um carinho incondicional e isso os tornavam muito íntimos a ponto de perceber o estado espiritual da mãe, sem que ela lhe revelasse. Essa cumplicidade gerava ciúmes no próprio pai, que deixava transparecer algum despeito pelo filho e, até, era motivo de represália do pai:

Com a aflição em que estivera, de poder depressa ficar só com a mãe, para lhe dar a notícia, Miguilim devia de ter procedido mal e desgostado o pai, coisa que não queria, de forma nenhuma, e que mesmo agora largava-o num atordoado arrependimento de perdão. De nada, que o pai se crescia, raivava: “_ este menino é um mal-agradecido. Passeou, passeou, todos os dias esteve fora de cá, foi no Sucurijú, e, quando retorna, parece que nem tem estima por mim, não quer saber da gente...” A mãe puniu por ele: “_ Deixa de cisma, Béro. O menino está nervoso...” (ROSA, 2001, p.29).

_ Pai está brigando com mãe. Está xingando ofensa, muito, muito. Estou com medo, ele queria dar em Mamãe...” [...] “_ Eu acho, Pai não quer que Mãe converse mais nunca com o tio Terêz... Mãe está soluçando em pranto, demais da conta (ROSA, 2001, p. 35)

“_ Não, não... Não pode bater em Mamãe, não pode. Miguilim botou em choros. Chorava alto. De repente, rompeu para a casa. [...] Diante do pai, que se irava feito um fero, Miguilim não pôde falar nada, tremia e soluçava; e correu para a mãe, que estava ajoelhada encostada na mêsá, as mãos tapando o rosto. Com ela se abraçou. Mas dali já o arrancava o pai, batendo nele, bramando. Miguilim nem gritava, só procurava proteger a cara e as orelhas; o pai tirara o cinto e com ele golpeava-lhe as pernas, que ardiam, doíam como queimaduras quantas, Miguilim sapateando. Quando pôde respirar, estava posto sentado no tamborete, de castigo. E tremia, inteirinho o corpo. O pai pegara o chapéu e saíra (ROSA, 2001, p. 36).

O dia estava bruto de quente, Miguilim com sede, mas não queria pedir água para beber. [...] Miguilim estava sujo de suor. Mais um pouco, reparou que na hora devia de ter começado a fazer pipi, na calça. (ROSA, 2001, p. 37).

Mas o pai ainda ralhóu mais, e, como no outro dia era domingo, levou o bando dos irmãozinhos para pescaria no córrego; e Miguilim teve de ficar em casa, de castigo (ROSA, 2001, p. 29).

Outro fato que revela a sensibilidade do garoto Miguilim é a desconfiança de uma possível relação entre a mãe e um tio que morava na casa deles. Aquilo era motivo bastante para uma tragédia familiar e o garoto vivia um dilema: apesar de sentir a indiferença do pai e ter uma relação de carinho recíproco com o tio, não era

capaz de ser contra o pai. Isto e outros episódios na vida do menino fazem com que ele expresse o desejo de continuar sendo criança:

Mas não podia entregar o bilhete à mãe, nem passar palavra a ela, aquilo não podia, era pecado, era judiação com o pai, nem não estava correto. Alguém podia matar alguém, sair briga medonha, Vovó Izidra tinha agourado aquelas coisas, ajoelhada diante do oratório – do demônio, de Caim e Abel, de sangue de homem derramado. Não falava. Rasgava o bilhete, jogava os pedacinhos dentro do rego, rasgava miúdo. E Tio Terêz? Ele tinha prometido ao Tio Terêz, então não podia rasgar (ROSA, 2001, p. 84).

Miguilim não tinha vontade de crescer, de ser pessoa grande, a conversa das pessoas grandes era sempre as mesmas coisas secas, com aquela necessidade de ser brutas, coisas assustadas (ROSA, 2001, p. 52).

No final dessa narrativa, surge no Mutum, um médico que estava de passagem e vai à casa de Miguilim e, conversando com os pais dele, percebe que o garoto coçava constantemente os olhos, algo que fez o médico desconfiar de um problema visual, que foi confirmado quando o doutor emprestou os próprios óculos ao menino. Sendo assim, o médico ofereceu ajuda e Miguilim foi embora com ele para se tratar do problema nos olhos, porque na visão de mundo e de vida, ele sempre soubera enxergar, profundamente, aquilo que se lhe apresentara. Naquele momento, Miguilim passara a ser compreendido pelas pessoas e, sobretudo, pela figura paterna. Tem-se início, então, uma vida nova para um menino que emergira dos recônditos do sertão e de sua própria escuridão, para uma grande viagem pelo mundo, guiado oportunidade que vida lhe agraciara. E à literatura, especialmente neste conto, cabe o reconhecimento pela desconstrução do estereótipo discriminatório para com os deficientes, como se confirma a seguir:

De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro da roupa. Miguilim saudou, pedindo a bênção (ROSA, 2001, p. 148). [...] Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava. _ Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? [...] Depois perguntava a ele mesmo: _Miguilim, espia daí, quantos dedos da mão você está enxergando? E agora? [...] Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim... E o senhor tirava os óculos e punha em Miguilim, com todo o jeito. _ Olha, agora! Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e

diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas (ROSA, 2001, p. 149).

A quietude, o silêncio e a “autoretirada” de Miguilim revelam um discurso sem fala, no entanto poucos conseguem perceber tantas marcas psicológicas do outro como ele, deixando implícito que, às vezes, é melhor calar-se do que falar, até porque as sensações mais profundas não são expressas completamente em palavras; é bastante o sentir. Nesse aspecto, vale reportar-se ao comentários de Leão (*in*: HEIDEGGER, 2004):

No silêncio, o sentido de ser chega a um dizer sem discurso nem fala, sem origem nem termo, sem espessura nem gravidade, mas que sempre se faz sentir, tanto na presença como na ausência de qualquer realização ou coisa. Aqui o discurso simplesmente se cala por não ter o que falar e, neste calar-se, tudo chega a vibrar e viver na originalidade de sua primeira vez (LEÃO *in*: HEIDEGGER, 2004, p. 15).

O homem é o ser que fala mesmo quando não fala e cala, recolhendo-se no silêncio do sentido, assim como é o ser que morre, mesmo quando não morre e vive, recolhendo-se à temporalidade da existência. A fala remete para além ou aquém das palavras, mas este remeter não é semântico nem sintático. É o silêncio do sentido. A fala só fala para e por calar. A palavra essencial, sendo a essência da palavra no tempo das realizações, é apenas silêncio (LEÃO *in*: HEIDEGGER, 2004, p. 16).

É nessa perspectiva que se espera que a literatura, que desempenha papel tão importante à sociedade, possa prestar, também, igual contribuição à população deficiente do país, uma vez que, por intermédio de narrativas fascinantes consegue retratar e projetar comportamentos e atitudes marcantes dos indivíduos. Esse fascínio deve ser utilizado a favor da construção de uma sociedade mais solidária. A literatura, portanto, deve fomentar, sempre, o poder transformador de ideologias, pensamentos e ações que provoquem no leitor a observação e a reflexão dos eventos e relações sociais promovidas no cotidiano. Sendo assim, é essencial que os livros proporcionem nos leitores uma visão multicultural, colaborativa, tolerante e mais fraterna...Tal concepção é referendada pela escritora Góes, Doutora em Letras (1991, p. 7-9).

... Se desejamos a construção de uma sociedade melhor e mais solidária, devemos oferecer às crianças meios de desenvolverem a reflexão, o debate e a crítica sobre os desvios sociais. Assim, além do empenho para que as crianças de todas as nações possam saber ler, deve-se, também, lutar para que tenham acesso a um acervo rico e variado de livros que correspondam às suas necessidades e interesses. Além de livros de fantasia, estimuladores de seu imaginário, livros que falem de raízes culturais, livros que promovam a fraternidade entre os povos, ultrapassando as diferenças culturais. Deve-se destacar os livros que promovam a justiça, a paz, a solidariedade. Nestes, colocamos, como de necessidade URGENTÍSSIMA, os que tratam de várias e variadas formas os DEFICIENTES (GÓES, 1991, p. 7-9).

3 Metodologia

Esse estudo mostra uma pesquisa bibliográfica realizada em algumas obras da literatura brasileira que possuem personagens deficientes em suas narrativas. Mediante a respectiva temática, torna-se inevitável enfatizar as estéticas literárias que retratam atitudes e comportamentos que permeiam e tecem o tecido social: o Realismo-Naturalismo e o Modernismo brasileiros.

Os critérios, pela respectiva opção, seguem a visão de que são estéticas literárias em que o principal foco é a denúncia e a crítica sociais. Quanto ao Modernismo, optou-se pela produção da terceira fase, que apresenta obras que são denominadas como um Neo-Realismo. No tocante às obras, selecionamos aquelas que retratam, de maneira transfigurada, a maneira como são vistos os deficientes, ao longo da história.

Nesse viés, a análise é direcionada a observar até que ponto a respectiva obra nega ou confirma a visão estereotipada que a sociedade demonstra em relação aos deficientes. Nesse sentido, tem-se a preocupação de apresentar, através de trechos das respectivas obras, a concepção que a sociedade possui sobre esses indivíduos. Destaca-se, principalmente, a atenção dada aos enredos, personagens, ações, contexto sócio-histórico envolvidos.

Quanto aos resultados, confirma-se, em caráter geral, o predomínio de uma concepção discriminatória sobre os deficientes, consequência, pois, de uma sociedade em que, ao longo da tempo, tem tratado com ignorância e desigualdade os deficientes. Embora se perceba uma tentativa de desconstrução dessa concepção em uma das obras analisadas, o aspecto separatista tem predominado e, por isso, contribuído com a solidificação de posturas intolerantes e, até, desumanas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Obra Completa. Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

BARROS. Alessandra. Quarenta anos retratando a deficiência. **Revista Brasileira de Educação**. Salvador, v.20, n.60, p. 167 – 193, jan./fevereiro 2015.

DALCASTAGNÉ. Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18 – 31, dezembro 2007.

DOWKER. Ann. A Representação da Deficiência em Livros Infantis: séculos XIX e XX. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053 – 1068, out./dezembro 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>.

FIGUEIRA. Emílio. As pessoas com deficiência no contexto da literatura infanto-juvenil e didática. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39 – 52, 2000.

GUIMARÃES. Bernardo. *A Escrava Isaura*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 13 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

ROSA, Guimarães. *Manuelzão e Miguilim; (Corpo de Baile)*. 11 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.